

A FACE ESPECULAR DA VIOLÊNCIA E DA ESTÉTICA

SPECULAR FACE OF THE VIOLENCE AND THE BEAUTY

José Londe da Silva[†]
Wellington Amâncio da Silva[‡]

Resumo: Este breve ensaio pretende discorrer sobre a aparente relação entre estética e violência ou da natureza de violência da estética e de estética da violência presentes na história. Não abordaremos essas categorias a partir da tradicional filosofia do belo, mas a partir da uma ótica nietzschiana voltada à moral e à política. A partir deste autor, tentaremos clarificar, mesmo que minimamente, certas repetições históricas do mesmo fenômeno.

Palavras-chaves: Estética. Violência. Contemporaneidade. Nietzsche.

Abstract: This short essay aims to discuss the apparent relationship between aesthetics and violence or, as it were, the nature of the aesthetic violence and aesthetics of violence present in history. Not address each of these categories from the traditional philosophy of the Beautiful, but from a Nietzschean perspective focused on moral and political. From this author, we will try to clarify, even minimally, certain historical repetitions of the same phenomenon.

Keywords: Aesthetics. Violence. Contemporaneity. Nietzsche.

1 Introdução

Estética é um ramo da filosofia que trata da natureza do belo e da arte em seus fundamentos. Ela estuda os juízos de valor e a percepção destes juízos para o que é considerado belo e como este, por sua vez, justifica a própria ideia contida na obra. As emoções e ideias majoritárias se reproduzem a partir dos fenômenos estéticos em seus condicionamentos prévios às ideias instituídas do bem e do mal – dessa perspectiva tradicional de juízo, a obra de arte é uma aprovação às emoções e ideias majoritárias acerca do que é bom e do que não é. Em Estética, as diferentes formas de arte em sua mais alta expressão e a técnica artística, adotadas e expressas, estão entrelaçadas nos ideais historicamente construídos e constituídos por um

[†] É Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas - UFA; especialista em Ensino de Filosofia e membro do Grupo de Pesquisa Nietzsche. E-mail: joselondeable@gmail.com.

[‡] É Mestre em Ecologia Humana pela Universidade Estadual da Bahia - UNEB; Pedagogo e membro do Grupo de Pesquisa Nietzsche. E-mail: welihamancio@hotmail.com.

grupo específico de poder em uma sociedade; elas são valorizadas como padrões máximos que corroboram para a conservação do espírito do grupo. Neste sentido, a ideia de obra de arte e de criação está condicionada a valores profundamente correntes em dada sociedade como quintessência; a relação entre matérias e formas nas artes legitima sempre a expressar uma forma ideologicamente desejável – a obra-prima pode ser a realização deste ideal e a posse de tal poderará justificar certos meios e finalidades de controle psicossocial, ideológico, político pelas vias dos sentidos da coletividade.

No passado, para Aristóteles e Platão, o belo, o bom e o verdadeiro tornavam-se coesas às representações contidas na obra; certa unidade, entre obra concreta e juízos ideais abstratos, emanava em sua constituição ordenada e harmoniosa propiciando senso de estabilidade e possibilidades de uma apologia aos sentimentos e ideias em sintonia com o tipo de sociedade desejada por uma parcela da sociedade. A essência do belo seria alcançada e representada na identificação do belo com o bom, tendo em conta os valores morais em determinado tempo histórico. Portanto, a ligação do belo com o bom se dá pela justificativa manifesta na obra ao autenticar, em matéria, forma e conceito, com valores majoritários ditos universais. Se o belo reproduz sempre as feições homem e é pelo homem compreendido como linguagem na arte, não escapa dessa reprodução certos aspectos de violência inerentes ao homem. Seja associada quase que compulsoriamente ao belo, um conceito de propositura adequado, em que tudo que é “elegante” deve ter seu lugar de nascença em um princípio valorativo, em que costumeiramente se convencionou chamá-lo bom. Antes, é preciso saber que por estética compreende-se um campo da Filosofia que reflete acerca da beleza sensível, geralmente no âmbito do fazer artístico. Por sua vez, o belo se conceitua como aquilo que se materializa ordenadamente por meio de representações que conota e denota harmonia, em face de convenções previamente instituídas sob tais conceitos. Faz-se mister dizer que em estético o que é bom procede do belo, entendido sempre como manifestação do garboso, do valor bem e, sobretudo, da razão, da racionalidade. Nem um pouco é percebido como um termo volátil de múltiplas nuances no campo dos significados, partindo de perspectivismos variegados, levando em conta o olhar de cada indivíduo, de cada povo sobre o que pode ser chamado ou apreendido como estético, belo e bom –, racional, portanto. Em outras palavras, tal racionalidade apenas considera seu próprio éthos como referencial de beleza em face das alteridades. Para Moran (2003), a racionalidade é o estabelecimento de adequação entre uma coerência lógica (descritiva, explicativa) e uma realidade empírica (MORAN, 2003, p. 157). Assim, tudo que é belo é, antes de ser refletido, subjetivado pela tendência do sensível ao apreender facilmente pela emotividade conquistada. No campo dessa racionalidade estética, isto é, dessa descrição, representação e narrativa da beleza instituída para seus fins, a “razão” do belo conquista.

Além de pouca perceptibilidade quanto ao significado do que é e do que quer uma estética nesses tempos, porquanto é preciso uma análise aprofundada no campo linguístico, antropológico, etnológico, histórico, et cetera, para não incorrer numa investigação superficial, caindo na malha fina do senso comum. Nesse sentido, aqui, analisaremos as representações da estética e da violência na História como um tipo de discurso característico. Há o fato também

não muito observado no que diz respeito a tal conceito –, de que a estética em toda a história humana foi e é instrumentalizada para alcançar a legitimação do poder, da glória e da violência por vias “não violentas”, isto é, quanto todos os seus mecanismos visavam a conquistar os espíritos desavisados pela contemplação, encanto e sedução dos sentidos. No entanto, quando não resolvida essa questão, entrava em cena outro poder, o da violência concreta em sua expressão bélica. Antes de tudo, se faz necessário apresentar um breve panorama da história do Ocidente para que tenhamos noção dessa relação violência/estética.

2 História e estética da violência

De fato, a história da relação entre violência e estética remonta a tempos imemoriáveis e, se fôssemos nos debruçar sobre esse universo, teríamos o problema de não dar conta de tal intento. Afinal de contas, nem tudo foi escrito, pois, como disse Hegel (2000), “os momentos tranquilos dos homens são páginas em branco”.

A frase de Hegel é esclarecedora, já que a história do seu ponto de vista só começa com a escrita e é exatamente aqui onde se inicia a dor – a violência/estética. Isto é, a escrita da história é sempre feita pelos vencedores que inventam suas narrativas a partir da visão unilateral dos fatos em que a tendência é silenciar e invisibilizar os perdedores. É no silêncio perpétuo da história não escrita onde “residem” as narrativas de dor para sempre perdidas. Portanto, a escrita da história se inicia com a dor dos vencidos nas entrelinhas das elegias, das epopéias e dos épicos. Não que não houvesse a tirania, o controle, o poder absoluto de grupos sobre outros legitimados pela estética e a violência antes da história escrita, mas é fato que as encontramos juntas, indissociáveis como ferramentas ideológicas para a manutenção do poder, porquanto a violência impõe o medo pelo poder exercido, enquanto a estética é a própria manifestação do poder que se revela em violência de sedução, isto é, de ser “desarmado”, “conquistado”, “colonizado” pela ideologia instituída pelo belo. E tudo é parte da história escrita. A estética e a violência presentes na história escrita constituem-se em um referencial de mundo histórico, um modelo do que fora a história passada, do que deve ser o presente e, a partir daí, do que deverá ser o futuro. Seus aspectos ideológicos residem mesmo nas representações dos “fatos”, no que eles contam e aconselham em suas entrelinhas; residem no silenciamento dos *sem história*.

Partimos do princípio da história escrita, tendo em vista que a conhecemos melhor. Porém, é bom que fique claro: o conhecimento ao qual nos referimos é algo produzido pelas interpretações ou tentativas de entender as coisas que estão constantemente deixando de ser. Portanto, há uma dificuldade de se chegar a um *verdadeiro* conhecimento.

Ora, se nos é bastante complexo compreender a rocha talhada, mais doloroso ainda para o nosso trabalho é decifrar a rocha bruta. O que não foi dito, com certeza, é muito maior. O que podemos dizer é que o que foi deixado no esquecimento esconde maior violência, estética e poder. O próprio esquecimento é o refugio do belo, resto de pedra calcária de estátua, esculpida à força. A pedra, em sua forma natural, é pela força modelada. Aprecia-se sua nova aparência enquanto sua feição original inexistente. A violência da estética está justamente em apagar um passado que não convém à ordem estabelecida.

Violência e estética estiveram sempre juntas. Quanto a isto não há dúvida. Os templos babilônicos, com os seus deuses multiformes que os protegiam, os grandes seres alados, suas muralhas, a habilidade na guerra de seus guerreiros, seus estandartes, a performatização de seus exércitos no campo de batalha e a estupenda destreza com suas armas apontadas para um objetivo comum – o massacre do inimigo – exibem a harmonia e sincronização da violência com a estética. Não era diferente com os Assírios, cuja violência extremada, por meio de sua técnica de guerra e da carnificina que faziam em batalha sempre caracterizada por uma estética de descomunal organização, perpetuou o legado do horror entre os povos guerreiros. Como instrumentos em si, as armas de guerra apresentavam o belo da sua manufatura como objeto trabalhado – o que confundia a beleza da peça com a finalidade violenta da sua destinação; nas carroças de guerra, viam-se baixos relevos, brasões, inscrições coloridas – o resultado de apurada técnica, mas, logo após eram banalizadas pela destruição do fogo. Nas fileiras, nos sons dos tambores antigos, no urro coletivo dos exércitos, havia, nessa performatização, uma sincronia¹ - um dos conceitos que justifica o belo – em seguida no caos da batalha, nenhuma beleza era capaz de consolar um soldado ferido ou um amigo que perdia seu companheiro: o belo aí era um ardil.

Cultura não menos violenta e estetizante foi representada pelos Persas. Seus monumentos, seus deuses marcados pelo hibridismo – parte homem, parte animal –, seus palácios suntuosos, enfim, sua arquitetura poderosa e seu invencível exército expressavam de modo claro a superposição entre violência e estética, o imbricamento das duas impondo poder e domínio.

Mas nenhum povo soube manipular tão bem a estética e violência como os gregos e os romanos. A cultura grega e a romana, pontuadas por um grau de alta civilização, não estavam alheias à excrescência da violência, especificamente os romanos. Toda essa violência repousava nos braços poderosos de uma cultura refinada e que tinha como princípio uma estética assombrosa. Assim também se comportaram os povos árabes com seus minaretes e suas glamorosas mesquitas e madrassas, com seus exércitos perfilados e performáticos, sob a égide de um califado universal.

A idade média não foge ao caso. Muito pelo contrário, estética e violência são representadas pelas grandes catedrais, mosteiros, pelas máquinas de tortura, pelos paramentos, as persignações, a liturgia e o poder clerical, pela verdade apresentada em tamanha grandeza, elaboração, beleza e retórica em detrimento da verdade menor do camponês, por exemplo. Em outras palavras, o estabelecimento da verdade como legítima pode ser dado através desse recurso de poder arquitetônico, retórico, linguístico, bélico, ornamental. Todos esses instrumentos e dispositivos foram elaborados para a manutenção do poder. Primeiro, pelo convencimento “pacífico” e, depois, pela fogueira, a estética dos discursos do fogo purificador.

Assim como na Idade Média, nos tempos modernos, que começam com a revolução francesa, há uma reviravolta de paradigmas instituidores da verdade, da beleza e da violência. Troca-se o saber antigo da religião pela racionalidade moderna da razão. A estética e a violência chegam ao seu ápice, agora com um novo elemento – a razão. Fruto do mundo moderno, o

¹ A sincronia como ordem e harmonia é uma das categorias estudadas em Estética.

mundo contemporâneo herdou a razão como fundamento da estética e da violência. Aqui, elas se confundem à medida que uma não se desvincula da outra. *Ratio*, isto é, razão, como representação da Ordem Lógica do mundo civilizado, foi encontrar nas Colônias africanas e indianas seu etnocentrismo devastador – um misto de interesse econômico justificado pela barbárie do outro, pela incivilidade do outro.

Assim, há uma estética da guerra, do poder das ideias, que não raramente dá a sustentação a elas. É, portanto, a estética manifestada nos *discursos idealizantes* atinente ao melhoramento das sociedades humanas sobre um ponto de vista de uma maioria instituidora de sentidos de mundo ideal, carregados de incertezas. Tais discursos – que partem sempre de uma ideologia de “autopreservação”, pela qual se deve lutar, e, na luta, dependendo das circunstâncias postas, deve-se matar ou morrer encantam pela estética assim como o canto da sereia: seus hinos, estandartes, brasões, medalhas etc. O que são as ideias então? São territórios linguísticos, sob os quais os homens vivem, com os quais lutam e pelos quais matam; são valores semânticos, tão somente engalanados por um esteticismo estupidamente convincente. Assim, os homens lutam para manter o seu território, suas ideias e, para isso, eles vão às últimas consequências. Os movimentos totalitários de massa são exemplos indiscutíveis. O nazismo foi às vias de fato em busca da concretude de seus ideais, de um mundo melhorado, tendo como base desse mundo onírico e hospicialista a ideia de raça pura.

Desse modo, os movimentos de poder e violência são atrativos pela garbosidade de seu esteticismo, isto é, pela obviedade das suas representações naquilo que descrevem e para o quê remetem; pelo senso de organização de suas fileiras, preceitos, diretrizes, rituais, objetos de “culto”, valores morais e objetos opostos, justificativa da sua existência e enfrentamento. Mas, o canto que mais entorpece é o do mundo liberal. Ele acredita ser livre, já que têm direitos e deveres, que pode consumir, ter dinheiro, ir e vir, ter uma vida confortável ou não, escolher a música que quiser ouvir, amar a quem quiser, a roupa que quiser vestir, enfim, ele acredita em sua liberdade. Entretanto, tudo isso pode não passar de um mecanismo de controle. Disto, o homem liberal seria um homem fadado à obediência, a manter as coisas como elas estão, inclusive a desigualdade entre eles, desigualdade essa que se torna mais abismal quando se trata do plural.

A crença de que há uma liberdade doméstica o homem, torna-o “um animal de rebanho [...] como a única espécie de homem permitida”, como diz Nietzsche (2005, § 199, p. 86; 2009, § 4). A liberdade é uma farsa, um engodo que tem como objetivo apenas manter a obediência – o poder. Segundo Nietzsche (2005, § 9, 22, 38, 40; 2001, § 354.), é falsa porque não há igualdade, pois os homens não são iguais e é imposta a eles para se ter controle e legitimação. Portanto, a manutenção da ordem tem como sua sustentação as ideias de liberdade, signos linguísticos, semânticos que aprisionam o homem, até porque essa é sua finalidade. Assim, para manter a violência – o controle sobre o homem –, é preciso convencê-lo por meio da estética, pois ela é a Círcé encantadora, o exemplo da pura razão, do belo, do bom, do bem.

E nada mudou. O mundo europeu está reclamando seus ideais ante a um outro mundo que ruidosamente freme por aquilo que ele acredita serem verdadeiros ideais, ou, pelo menos, as

possibilidades destes. O mundo europeu não está clamando à toa, já que pretende também fazer uma hospedaria para abrigar seus ideais de liberdade, ou seja, expandir por todo o mundo suas instituições liberais e democráticas. Em outras palavras, como diz Foucault (2002, p. 22), “a política é uma guerra por outros meios”. Ora,

¿O poder político [...] teria como função reinsserir perpetuamente essa relação de força, mediante uma espécie de guerra silenciosa, e de reinseri-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até nos corpos de uns e outros (FOUCAULT, 2002, p. 23).

Não nos esqueçamos que o poder manifesto em irracionalidade e em crueldade, confunde violência e estética em elementos de guerra presentes na história registrada. A frivolidade da agressividade pautada na luta em defesa de pseudo-verdades, em sua unilateralidade inerente, ainda se faz presente em diversos lugares no mundo hodierno. A Europa pode se tornar um exemplo, mesmo que “eufêmico”. Por conta da presença massiva de imigrantes, especificamente muçulmanos, em sua alteridade pouco desejada por alguns grupos no Ocidente. Há em jogo aí: dois universos que aparentemente ainda não resolveram dialogar: a democracia ocidental e a teocracia da fé islâmica – duas grandes expressões estéticas que, quando não interpretadas coerentemente, provocaram violências extremas (DAVIS, 2001; PIRENNE, 2010; HOURANI, 1994; SAID, 1978). O grande medo europeu está voltado para as supostas intenções de poder desses povos dentro do coração da civilização européia. É exatamente nesse ponto nevrálgico que se encontra o mal-estar europeu e o que pode suscitar a falsa impressão de um liame entre violência e estética. Ante a tal realidade, o mundo europeu acaba se desvelando, pois, dentro dele, explodem, a cada dia, alguns movimentos contraditórios, mesmo que aparentemente “minoritários”, em face do estado democrático de direito, liberal, com suas instituições liberais. Assim, no mínimo, tenta-se harmonizar as contradições no campo econômico, político e social e, sobretudo, as subjetivas, o que não é nada fácil, porquanto as pessoas pensam diferente, querem as coisas diametralmente diferentes, como economia, sociedade, moral, ética, concepções raciais, o que só se consegue por meio da força, do controle, impondo obediência, mas jamais porque os indivíduos assim querem. Diante dessa polissemia de querer e poderes, cada indivíduo adota a sua estética como uma espécie de consolo, dentro da instância em que a estética resolve a questão sem a “intrusão” da violência concreta: se no âmbito deste mundo, sua vida segue razoavelmente bem, há de ir em frente. Por qualquer reação adversa contra o mundo instituído, onde tudo e todos seguem razoavelmente bem, o Estado democrático de direito torna-se um Estado autoritário – sua antítese –, se não se impor sua perspectiva democrática de mundo.

O caso Charles Hebdo é emblemático, isto porque, como já foi dito acima, a violência é sublimada através da arte, que é pura estética. Assim, a linguagem constrói uma aparente razão sobre o que é puro instinto agressivo. A charge, uma arte vinculada à imprensa, símbolo da liberdade de expressão, fruto do iluminismo, é vista como a manifestação da própria razão. Os chargistas defensores inveterados de suas ideias, apaixonados pela liberdade conquistada, alegam incessantemente que tal ideal ninguém pode lhes tirar, que, se assim acontecer, estarão perdendo a batalha para aqueles que são desprovidos de tal valor. Afinal de contas, não ter liberdade de expressão a partir de um perspectivismo daqueles que a têm é não ter razão, não

ser estético, não ter ideal de beleza.

No que pese o fato de que a tão propalada liberdade traz consigo uma outra – liberdade de expressão – faz-se necessário entender que ela não pode infringir outros valores também universais, porquanto não seria liberdade, mas ataque virulento, agressividade, quebra de alteridade. Portanto, o pressuposto da liberdade é não ser sua antítese, ou seja, o seu contrário – uma prisão, um dogmatismo, seja religioso ou secular contra outras formas de liberdades. A banalidade da agressividade mora aqui, no não reconhecimento do outro.

3 Considerações finais

Portanto, neste breve percurso apresentado, é possível correlacionar os fatos, a partir de suas pretensões com as ações que vêm configurando a estética em face do mundo civilizado: o belo perdeu-se dos seus princípios idealistas do passado grego, por exemplo? Ora, a resistência por parte dos que utilizam a violência, a existência de cosmovisões consideradas ofensivas é, sem dúvida, prenhe de ódio e violência, o que os levam a ataques de fúria, consumada com a vitimação do outro; tal ideologia, isto é, da anulação das diferenças, materializada em animalidades busca uma roupagem estética que confunde e engana os incautos, buscando-os para as suas fileiras. E tudo acontece friamente, com uma banalidade típica do medíocre, do fútil, de um desesperamento frustrante, patológico. Mas, isso é uma constante na história da humanidade, a frialdade da dor imposta ao diferente e, por fim, a festa, a comemoração, a celebração da crueldade efetuada registradas através da técnica (arte) da escrita, da pintura, do desenho e de outros recursos do outrora apenas inerente estético no sentido positivo do termo, do belo como um não-violento, isto é, em seu sentido genuíno de inocência, onirismo, utopia e devir necessários à existência hoje. Por sua ausência, por exemplo, os chargistas do Charlie Hebdo foram mortos sem misericórdia. Por sua ausência utiliza-se também de uma estética da violência para representar a estética da fé do Islamismo. Ora, na história humana, a misericórdia, por um longo tempo, era um sentimento desprovido de nobreza e, por outro lado, os considerados plebeus não a cultivavam em determinadas circunstâncias, por conta de um senso de justiça, de uma moral ressentida. O que isso nos mostra? Ao contrário da estética da violência o verdadeiro belo só poderá se manifestar por meio de uma atitude desarmada e franca em face do outro.

Referências

DAVIS, Mike. *Late vitorian holocausts*. New York: Verso, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEGEL, G. W. F. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. de Mario da Silva. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Ecce Homo*. Trad. de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Genealogia da moral*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno: o impacto do Islã sobre a civilização européia*. Rio de Janeiro: PUC Editora, 2010.

SAID, Edward W. *Orientalism*. Phateon Bokks, New Yourk: 1978.